

O Ocidente está de volta

Todas as crises são ao mesmo tempo oportunidades. E talvez esta seja a oportunidade para superar as velhas clivagens da defesa europeia.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 14 de dezembro de 2022

Há pelo menos uma coisa que temos a agradecer a Putin: o [regresso do Ocidente](#). A invasão da Ucrânia está a reforçar o vínculo transatlântico e a renovar a ordem de segurança europeia.

Primeiro, o vínculo transatlântico. Putin tinha como objectivo estratégico, além da Ucrânia, dividir o Ocidente, separar os EUA da Europa, enfraquecer a UE e afastar a NATO das suas fronteiras. Conseguiu, precisamente, o contrário. O Ocidente manteve-se unido e os EUA e a Europa coordenaram as suas estratégias de resposta à Rússia. A ameaça russa deu novo sentido à NATO, que reforçou a defesa colectiva, se alargou [à Suécia e à Finlândia](#) e está, agora, mais perto da fronteira russa. E a UE, apesar de todas as diferenças internas, manteve-se unida. Já vai no [9.º pacote de sanções](#). Abriu a porta a uma futura adesão da Ucrânia e, coisa inédita, está a prestar auxílio militar à Ucrânia e a incrementar os seus orçamentos de defesa.

Segundo, a ordem de segurança europeia está a mudar radicalmente. Todos os princípios e instrumentos diplomáticos que fundaram a ordem europeia no pós-Guerra Fria estão hoje caducos: a Acta Final de Helsínquia e a inviolabilidade das fronteiras; a Carta de Segurança Europeia e indivisibilidade da segurança europeia; a Acta Fundadora e o Conselho NATO-Rússia e o diálogo político entre a Rússia e o Ocidente.

Com a invasão da Ucrânia, Putin matou tudo isso. E tudo isso tem um duplo significado político. Primeiro, significa o fim da indivisibilidade da segurança europeia, isto é, até agora a Rússia tinha de estar dentro; a partir de agora, a Rússia terá de estar fora. Segundo, a Ucrânia não será mais um Estado-tampão entre a Europa e a Rússia. Perdeu essa sua funcionalidade internacional. E, a partir de agora, será a fronteira da Europa com a Rússia. E, se as tendências internacionais se confirmarem, será, simultaneamente, a fronteira entre a comunidade euro-atlântica e a comunidade euro-asiática, como disse Carlos Gaspar. E entre a democracia e a autocracia, digo eu.

Ora, que impacto têm estas mudanças geopolíticas sobre a aliança transatlântica e, em concreto, sobre as relações entre a NATO e a UE? Perante a ameaça russa, a prioridade da segurança europeia é a defesa colectiva e a dissuasão. E, nesse quadro, a NATO é o instrumento certo. O único com meios militares, estrutura de comando e controlo e cultura de dissuasão. E o único que pode associar o Reino Unido à defesa europeia.

Na defesa da Europa, a prioridade estratégica dos aliados europeus dirigir-se-á para a NATO e a relação com os Estados Unidos. Mas, num ambiente estratégico em que a prioridade americana é a China e com a memória da Administração Trump e o espectro possível do seu regresso, os aliados europeus precisam de assegurar a sua defesa

quando os americanos não estiverem interessados em intervir. Isto é, caminhar para uma [autonomia estratégica](#) europeia. E, nesse contexto, qual deverá ser o lugar da UE?

Na tipologia das missões militares – defesa colectiva, produção de segurança e gestão de crises –, a UE, dado o seu passado de “potência normativa”, concentrou-se, sempre, na gestão de crises e nas ameaças e riscos não militares no flanco sul. Deve continuar a fazê-lo, sobretudo porque a NATO tenderá a concentrar-se na defesa colectiva e na dissuasão no flanco leste.

Mas a UE pode e deve desenvolver as capacidades necessárias para desempenhar as outras missões e tornar-se útil no quadro da dissuasão e da defesa colectiva a que será chamada no flanco leste. Pode reforçar e alargar os instrumentos como a Cooperação Estruturada Permanente (PESCO) ou o Fundo Europeu de Defesa (EDF) da simples gestão de crises à produção de segurança e à defesa colectiva.

Isto requer, obviamente, uma cooperação institucional mais forte e permanente entre a UE e a NATO e uma coordenação das prioridades PESCO e EDF com o planeamento da NATO. Ou seja, uma interacção política e estratégica mais próxima entre NATO e UE. Será longo e difícil, mas é o caminho certo para a União Europeia se tornar um aliado credível dos Estados Unidos e, simultaneamente, ganhar autonomia para quando os EUA não puderem ou não quiserem intervir.

Todas as crises são ao mesmo tempo oportunidades. E talvez esta pudesse ser a oportunidade para superar as velhas clivagens da defesa europeia. A divisão do trabalho estratégico: *hard* da NATO e *soft* da UE. E a divisão entre atlantistas e europeístas. E, quem sabe, reforçar ao mesmo tempo o vínculo transatlântico e a autonomia estratégica europeia.

<https://www.publico.pt/2022/12/14/opiniao/opiniao/ocidente-volta-2031305>